

# A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE ALUNOS EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM A PARTIR DO FÓRUM DE DISCUSSÃO

Sheila da Silva Monte (UFRN)  
sheilamontebr@gmail.com

## Introdução

Atualmente, as novas tecnologias de informação e comunicação – TIC – parecem tomar grande parte de nossas vidas, nas diversas áreas, atuando de forma considerável na construção de nossas práticas cotidianas. Sendo assim, observamos um sujeito cada vez mais inserido na chamada globalização, cujo acesso à informação dá-se de forma muito rápida, especialmente *on-line*, deixando claro que, hoje, não há muito espaço para os *desconectados*.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é o de evidenciar as identidades culturais dos alunos da Licenciatura em Letras-Espanhol, na modalidade a distância, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UAB, construídas por meio dos enunciados produzidos por esses alunos em um Fórum de discussão – Fd. Para tanto, elegemos para análise o fórum temático “Usar fragmentos da internet é um ato ético?”, gerado no primeiro semestre de 2011, na disciplina Leitura e Produção de Textos.

O presente estudo, além de inserir-se no campo da Linguística Aplicada, seguindo uma abordagem de natureza qualitativo-interpretativista, ainda tem respaldo na concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, que parte do pressuposto de que a linguagem é um fenômeno eminentemente social. Esta pesquisa fundamenta-se, ainda, no valor da identidade para o sujeito pós-moderno, portanto, em contraste com a definição do senso comum, que entende identidade como reconhecimento de alguma origem coletiva ou então de características partilhadas com outros grupos, Hall (2012) define, em uma abordagem discursiva, a identificação como construção, um processo sempre incompleto.

Iniciamos este artigo apresentando brevemente algumas pertinências a respeito do ensino *on-line*, seu Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA – e suas ferramentas, nas quais destacaremos o Fd. A seguir, trataremos das identidades culturais e discutiremos a respeito da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin. Em seguida, analisaremos os posicionamentos, que funcionam como indicadores na construção das identidades culturais dos estudantes inseridos no curso de Letras-Espanhol, tomando como base as abordagens teóricas desenvolvidas neste artigo.

## 1 Ensino *on-line*: tão longe, tão perto

Com o advento das novas tecnologias, o desenvolvimento, em especial, da informática, reverberou por toda a estrutura social de forma complexa, caracterizando a realidade em mutação, em deslocamento, além de proporcionar o surgimento de novos ambientes socioculturais. Segundo Santaella (2003), a cibercultura é a cultura do acesso, em que a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e a circulação da informação atingiram nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital.

É evidente que vivemos em um mundo, onde informação não é algo conservado, guardado, visto que, se lhe é dada uma informação, você a tem e eu também, assim, passamos da posse para o acesso. É por essa razão que, para Santaella (2003, p. 28),

a era digital vem sendo também chamada de cultura do acesso, uma formação cultural está nos colocando não só no seio de uma revolução técnica, mas também de uma sublevação cultural cuja propensão é se alastrar tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata.

Ao mesmo tempo, Lévy (1999), caracteriza ciberespaço<sup>1</sup> como sendo o lugar onde ocorre a interconexão mundial dos computadores. Essa caracterização não especifica somente a estrutura da comunicação digital, mas também, o universo de informações abrangidas por ele. Partindo da palavra ciberespaço, vislumbramos a origem de uma outra, a cibercultura que, ainda, de acordo com Lévy (1999, p. 17), “é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Em seu artigo, Gontijo et al. (2007) mapeiam a produção científica de alguns autores que têm o ciberespaço como objeto investigativo e, dentre eles, encontra-se Pierre Lévy (1996, 1999). Gontijo et al. (2007) consideram que a presença das tecnologias de informação e comunicação têm produzido significativas transformações na dialética relação do sujeito com o mundo, o que está revolucionando todas as dimensões da vida humana. Lévy (apud GONTIJO et al., 2007) reforça que, para definir ciberespaço, é necessário que se problematize o nosso entendimento sobre o que é o virtual<sup>2</sup>, que nada mais é do que o que está em potência no real. Nesse sentido, de acordo com Gontijo et al. (2007), é um contexto teórico na qual Lévy (1996) baseia-se e chega às suas formulações sobre ciberespaço.

Cada vez mais, os sujeitos são portadores de trajetórias imbuídas de sentidos diversos, construídas no decorrer de seus percursos formativos, seja na trama social de instâncias como a família, a escola, a comunidade, o grupo de pares, seja no ciberespaço. Como as demais instâncias, o ciberespaço assume um certo papel na (re)produção cultural, na (con)formação de visões de mundo, habilidades, atitudes, valores, entre outras (GONTIJO et al., 2007, p. 6).

Na medida em que as tecnologias, especificamente, a internet estão fazendo o planeta encolher cada vez mais, é inviável pensar na impossibilidade de acesso. A rede mundial de computadores tornou-se um ingrediente imprescindível da cultura contemporânea, sem ela a gama de interações (ilimitadas) é impensável. Mesmo que o sujeito assuma o risco de se

---

<sup>1</sup> De acordo com Gontijo et al. (2007), o termo ciberespaço foi criado pelo escritor de ficção científica William Gibson, sendo projetado em seu livro *Neuromancer*, de 1984. Para maior informação, consultar: GIBSON, William. *Neuromancer*. New York: Ace Books, 1984.

<sup>2</sup> Para Lévy (1996), em seu livro *O que é o virtual?*, há uma oposição enganosa entre real e virtual. A palavra virtual, em seu uso corrente, é empregada com frequência para significar ausência de existência, o que supõe uma realidade tangível, portanto, o real seria da ordem do *tenho*, enquanto o virtual seria da ordem do *terás*, ou da ilusão. Nesse sentido, Lévy (1999) nos expõe que é virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.

perder dentro dessa *rede*, ele arrisca, porque dela necessita incontestavelmente. Sendo assim, não é possível ignorar o impacto à vida humana, muito menos à vida em sociedade.

Nesse sentido, podemos visualizar uma integração entre internet e educação, favorecendo o acesso a esta em diferentes níveis. Desse modo, a fim de aproximar as pessoas de todas as regiões, acreditamos que a diversidade de grupos e culturas favorece uma educação mediada por tecnologias. Segundo Moran (2002), as tecnologias interativas, sobretudo, vêm evidenciando, na Educação a Distância – EAD, o que deveria ser o cerne de qualquer processo de educação: a interação e a interlocução entre todos os que estão envolvidos nesse processo. Kearsley (2011, p. 2) afirma que “com a Web (World Wide Web) é muito fácil criar e acessar informações transmitidas em rede. Ela também une todas as principais formas de interação interpessoal, como *e-mail*, *chats*, linhas/fóruns de discussão e conferências”.

Destarte, surge uma oportunidade de expandir o saber aos que necessitam, isto é, implementar de forma racionalizada a educação a distância, tendo em vista que é por meio dela que a educação servirá àqueles que desejam ou necessitam de uma formação e/ou qualificação, mas que não têm acesso ao ambiente físico de uma sala de aula.

As tecnologias da informação e comunicação permitem criar ambientes ricos em possibilidades de aprendizagem, nos quais as pessoas podem aprender qualquer coisa sem precisar fazer uso do processo de ensino formal. As pessoas podem fazer uso de ambientes que venham a construir o conhecimento de forma colaborativa e cooperativa (SILVA, I., 2011, p. 128).

Com a EAD, despontam os ambientes virtuais de aprendizagem que, segundo Almeida (2003, p. 331, grifo do autor),

são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado *design educacional* (Campos; Rocha, 1998; Paas, 2002), o qual constitui a espinha dorsal das atividades a realizar, sendo revisto e reelaborado continuamente no andamento da atividade.

Dessa forma, a EAD, por meio do AVA, pode desenvolver tanto a autonomia dos sujeitos quanto a construção de relações sociais virtuais. Em tais ambientes, os alunos entram em contato com o outro por meio da chamada plataforma de estudo, fazendo uso das diversas ferramentas presentes nesse tipo de ambiente: *chat*, fórum de discussão, *quiz*, mensagem direta, dentre outras.

As atividades presentes em um AVA, citadas anteriormente, são tarefas disponibilizadas as quais envolvem a participação dos usuários, podendo ser colaborativas e com o objetivo de avaliação. Tais atividades são consideradas grandes ferramentas de

aprendizagem, que satisfazem (em maior ou menor grau) as diversas necessidades de interação no ambiente virtual.

Dentre essas atividades, destacamos o Fd, uma ferramenta de comunicação assíncrona (as mensagens não são trocadas em tempo real) cujo propósito é reunir pessoas para que possam debater, trocar informações e experiências acerca de determinado tema, gerando, conseqüentemente, conhecimentos significativos sobre esse tema.

Podemos considerar que o Fd é de uso predominante no ambiente virtual, já que há facilidade de participação dos alunos de forma assíncrona, em momentos mais convenientes para eles. Nesse sentido, podemos entender que os fóruns são espaços fecundos de significação, que estimulam a participação dinâmica de todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

Conforme Pereira (2011, p. 350),

espera-se que nas práticas interacionais estabelecidas nos ambientes virtuais de aprendizagem – AVA, inexista o controle de um único sujeito no encaminhamento das ações, uma vez que ferramentas como os fóruns serviriam para estimular a participação dinâmica de todos.

Ao elegermos o Fd como fonte geradora de dados para nossa pesquisa, presumimos a importância de tal ferramenta, tendo em vista que o fórum proporcionaria mais do que simples postagens, permitindo (re)construções e negociações de significados a cada posicionamento feito pelos membros do grupo. Tais posicionamentos estariam inevitavelmente recheados de outras vozes que (re)significariam cada enunciado criado no espaço do Fd, uma vez que o enunciado elaborado pelo sujeito se constitui também do discurso do outro que o atravessa.

## **2 Identidade cultural**

Em contraste com a definição do senso comum, que entende identidade como reconhecimento de alguma origem coletiva ou então de características partilhadas com outros grupos, Hall (2012) define, em uma abordagem discursiva, a identificação como construção, um processo sempre incompleto. É interessante refletirmos por meio desse pensamento de Hall, quando este expõe que a identidade não é algo tão claro, ou tão sem problemas como muitos de nós pensamos. Ao invés de tomar a identidade como algo consumado, fixo, deveríamos pensá-la enquanto algo inconcluso, que está sempre em processo.

Hall (1996) em seu ensaio *Identidade cultural e diáspora*, — ele analisa a concepção da identidade cultural, fazendo uso das identidades da diáspora<sup>3</sup> negra, e tendo como base a representação cinematográfica — aponta que há dois caminhos para pensarmos a identidade cultural: o primeiro caminho, que definiria a identidade como cultura partilhada, uma espécie de ser verdadeiro e uno coletivo, oculto sob os muitos outros seres; e o segundo, que reconheceria na identidade pontos de similaridade, mas, também, pontos críticos de diferença, que constituiriam aquilo que nós nos tornamos.

---

<sup>3</sup> De acordo com Hall (1996, p. 75), “identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença”. Em outras palavras, essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Identidades essas desestabilizadas, mas também desestabilizadoras (WOODWARD, 2012).

A posição de Hall enfatiza a fluidez da identidade. Ao ver a identidade como uma questão de ‘tornar-se’, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum (WOODWARD, 2012, p. 29, grifo do autor).

As identidades são tanto uma questão de *ser* quanto de *se tornar*, tendo em vista que pertencem ao passado, mas também ao futuro. Não é algo que já exista, transcendendo a lugar, tempo, cultura e história. Essas identidades culturais nada mais são do que os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam e pelas quais nos posicionamos e, sendo assim, elas têm histórias e sofrem constantes transformações, uma vez que não são fixas. Segundo Hall (1996, p. 70, grifo do autor), “as identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um *posicionamento*”.

Salientamos que, por ser relacional, a identidade precisa de algo fora dela para poder existir, uma identidade que ela não é, mas que fornece as condições para que ela exista, como bem exemplifica Woodward (2012, p. 9), quando expõe sobre a situação dos sérvios e croatas na antiga Iugoslávia<sup>4</sup>, “a identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um ‘não croata’. A identidade é, assim, marcada pela diferença.”

De conformidade com essas discussões, podemos considerar que está ocorrendo uma reconfiguração de sujeitos dentro da *nova* sociedade globalizada, uma vez que se tornou necessário pensá-los em sua nova posição, seja ela deslocada ou descentrada. Conforme Bauman (2005), a *identificação* se torna cada vez mais importante para os sujeitos que buscam desesperadamente um *nós* a que possam pedir acesso. As *novas* relações começam a interferir em nossas construções cotidianas, nossas práticas sociais, como forma de entendimento do mundo. Com isso, as identidades, antes consideradas seguras e estáveis, começam a fragmentar-se.

### 3 Linguagem para o Círculo de Bakhtin

Nos primeiros textos do Círculo, a linguagem começa a emergir e a prenunciar muitas das produções posteriores, relacionadas à concepção dialógica. A ideia da linguagem vista como um sistema, segundo a abordagem linguística, começa a perder espaço, tendo em vista que, com os estudos do Círculo, a linguagem enquanto atividade, a palavra viva, não conheceria um objeto como algo totalmente dado.

Conforme Faraco (2009, p. 25),

a abordagem da linguística é, na concepção bakhtiniana, insuficiente pelo fato de enfocar o enunciado exclusivamente como um fenômeno da língua, como algo puramente verbal, desvinculado do ato de sua materialização, indiferente às suas dimensões axiológicas.

---

<sup>4</sup> Em seu texto *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, Woodward (2012) aborda a história sobre a guerra e o conflito entre pares (sérvios e croatas) dentro de um mesmo território, a antiga Iugoslávia. Segundo a autora, trata-se, também, de uma história sobre identidades, tendo em vista que a diferença, nessa situação, é marcada pela exclusão: se você é sérvio, você não pode ser croata, e vice-versa.

Ressaltamos que a concepção bakhtiniana de linguagem não descarta nem recusa a relevância da abordagem linguística, uma vez que ela é apresentada como necessária, um conhecimento a que se deve recorrer, mesmo que não seja suficiente. Nesse sentido, podemos considerar que a língua, no mundo da vida, tem extensões constitutivas que escapam da razão teórica da linguística. Dessa forma, a linguagem é interação, troca, diálogo (FARIA, 2007).

Sendo um ser de linguagem, o homem estabelece sua comunicação, seu lugar no mundo, por meio de enunciados concretos, que, segundo os estudos bakhtinianos, fazem parte da grande corrente da comunicação sociocultural. Nesse sentido, podemos observar que as relações dialógicas não existem no texto como materialidade, nem no sistema da língua, mas acontecem entre enunciados. Tais enunciados envolvem a participatividade, o aspecto central do dialogismo, que se desdobra em entoação avaliativa e responsividade ativa (SOBRAL, 2009).

Nesse contexto, Faraco (2009, p. 66, grifo do autor) expõe que,

para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, *tenha fixado a posição de um sujeito social*.

Nesse sentido, podemos entender que essas relações, as dialógicas, são mais amplas, variadas e complexas. Os estudos dialógicos valorizam a enunciação e afirmam sua natureza social, e não individual, tendo em vista que ela está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (BAKHTIN, 2012). Assim sendo, para os estudos do Círculo, não é possível significar sem refratar, uma vez que as significações são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas contradições e confrontos de valorações e interesses sociais. Com isso, nossas palavras penetram na camada de discursos sociais, nos discursos de outrem, que também já estão enveredados por outros.

A fim de caracterizar os múltiplos discursos sociais, Bakhtin introduz a noção de vozes sociais, compreendendo-as como complexos semiótico-axiológicos, com os quais determinado grupo humano percebe o mundo (FARACO, 2009). Nos estudos bakhtinianos, o modo de olhar para a linguagem sofre mudanças: ela não é vista apenas como um sistema de categorias gramaticais abstratas nem como um objeto gramatical homogêneo. Nesse sentido, a linguagem se manifesta numa realidade axiologicamente saturada e como um fenômeno sempre estratificado. Essa estratificação ocorre pela saturação da linguagem por meio das axiologias sociais, pelos índices sociais de valor.

Do mesmo modo, Faraco (2009, p. 57) complementa que,

nesse sentido, aquilo que chamamos de língua não é só um conjunto difuso de variedades geográficas, temporais e sociais [...]. Todo esse universo de variedades formais está também atravessado por outra estratificação, que é dada pelos índices sociais de valor oriundos da diversificada experiência sócio-histórica dos grupos sociais. Aquilo que chamamos de língua é também e principalmente um conjunto indefinido de vozes sociais.

Aliado a essa discussão, podemos perceber que as vozes sociais estão enredadas numa cadeia de caráter responsivo. Sendo assim, o que esperamos ou supomos como o outro irá receber nosso enunciado não é um processo passivo e sossegado, ao contrário, foge ao nosso controle, revelando o diálogo interminável entre os enunciados. Sob o mesmo ponto de vista, Bakhtin (1998, p. 89, grifo do autor) nos enfatiza que,

o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do 'já-dito', o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo.

Dessa forma, podemos considerar que todo dizer é orientado para a resposta, visto que todo enunciado espera uma réplica, sem fugir da influência profunda da resposta antecipada - ideia do receptor presumido. E, por fim, coadunando com as demais afirmações, todo dizer é internamente dialogizado, pois é heterogêneo, na verdade, uma articulação de múltiplas vozes sociais.

### 3 Análise do *corpus*

A partir deste momento, apresentaremos o estudo dos enunciados concretos, em que analisaremos os posicionamentos, que funcionam como indicadores na construção das identidades culturais dos estudantes inseridos no curso de Letras-Espanhol, tomando como base as abordagens teóricas desenvolvidas neste artigo.

Nesse sentido, agrupamos os diferentes enunciados à medida que as relações de pertencimento, devido às respostas a pergunta do fórum temático, vão surgindo, tendo em vista que a teoria subsidiadora de nossa análise do discurso permite tal empreendimento teórico-metodológico.

Para este artigo, trabalharemos apenas com um grupo, denominado “primeiro grupo”.

#### 3.1 Primeiro grupo

Neste primeiro grupo, podemos observar que há uma associação muito peculiar entre os quatro enunciados. As escolhas linguístico-discursivas dos sujeitos entrelaçam-se de modo a estabelecer relações de pertencimento. Ao responder a pergunta do Fórum — *Usar fragmentos da internet é um ato ético?* — o Enunciado 1, por exemplo, que tem por sujeito Crisântemo, destaca que é fato comum que os estudantes façam uso da prática a que ele denomina *bricolagem*.

#### Enunciado 1



*Crisântemo - segunda, 11 abril 2011, 18:36*

*TRADUTORE TRAI DORE*

*Bricolagem é uma belíssima prática em uso, tanto em ambiente visual (artes plásticas),*

quanto na modalidade escrita. Denominação para o copiar e colar. Recortes. O que esperar das instituições acadêmicas que promovem um movimento cíclico de banco de dados (monografias), produções acadêmicas...? **O Ius Puniendi àquele que fingir que não bricola.**

Um breve momento para uma reflexão: podemos monografiar (meu Deus, por que não usei apenas "fazer uma monografia"?), usando como base discursos alheios, mas não podemos expor que somos bricolés? **Qual texto acadêmico é original? Qual texto é livre de inferências? Mostrem-me o primeiro texto produzido, que mostro o derradeiro e verão que são siameses na essência.**

**Discurso alheio nada mais é do que o suposto eco do nosso discurso.**

*O não-eu desconstruído em mim e reconstruído no suposto outro que me aprecia.Ou não.*

Em determinadas partes do seu enunciado, Crisântemo faz provocações bem irônicas àqueles que dizem não utilizar a *bricolagem*, como por exemplo, na expressão: “O Ius Puniendi<sup>5</sup> àquele que fingir que não bricola”. É interessante perceber que tais provocações nos remetem a um conhecido episódio bíblico em que Jesus impede uma adúltera de ser apedrejada dizendo: “Quem de vocês estiver sem pecado, que seja o primeiro a atirar uma pedra nesta mulher!<sup>6</sup>”. Sabe-se que no referido episódio, os homens desistem de apedrejar a mulher, tendo em vista que ali ninguém estava livre do pecado. Da mesma forma, Crisântemo afirma que todo mundo pratica a *bricolagem* e que nenhum texto seria original em sua essência, e faz o seu desafio: “Mostrem-me o primeiro texto produzido, que mostro o derradeiro e verão que são siameses na essência.”.

## Enunciado 2



*Margarida - domingo, 24 abril 2011, 21:27*

*Olá Crisântemo,*

**Parabéns por sua reflexão!!!**

*Na verdade, **o que é mesmo nosso discurso se não cópia de outros discursos?** No caso do meu discurso, ele nada mais é que a cópia de tantos outros que ao largo de minhas experiências fui acumulando. **De fato, quando se buscar a essência do meu discurso, talvez encontrem o seu ou de outrem.***

*No entanto, é preciso lembrarmos-nos que embora a essência de nosso discurso nos remeta a outro, há algo que torna o nosso, um discurso exclusivo, próprio de cada um. É essa exclusividade que devemos buscar na elaboração do nosso conhecimento.*

*Abraços...*

Ao analisarmos o Enunciado 2, podemos observar que Margarida parabeniza o colega Crisântemo (Enunciado 1) pela reflexão, reforçando o que foi dito por ele, por meio do questionamento “Na verdade, o que é mesmo nosso discurso se não cópia de outros

<sup>5</sup> Direito de punir. Significado disponível em: <<http://www.advogado.adv.br/termosjuridicos.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

<sup>6</sup> João 8, 7 – Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje, Ed. Paulinas.



discursos?”. Sendo assim, Margarida não faz uma discussão mais acalorada e nem contradiz o que é dito pelo colega.

A vista disso, nessa análise dos referidos enunciados, por exemplo, poderíamos acrescentar o pensamento de Bakhtin (2010, p. 410, grifo do autor) quando este diz que,

não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico [...]. Nem os sentidos *do passado* [...] podem jamais ser estáveis [...] eles sempre irão mudar [...]. Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação.

Crisântemo (Enunciado 1), em uma de suas últimas falas (“Discurso alheio nada mais é do que o suposto eco do nosso discurso”), embora possa não ter tido contato com os estudos do Círculo de Bakhtin, destaca um aspecto aproximado a esses estudos, o de que o discurso sempre remete a outro(s) discurso(s), dirigindo-se a outro(s), que está(ão) sempre povoado(s) por vozes. Conforme afirma Bakhtin (1998, p. 139), “nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade.”

Entre todas as palavras pronunciadas no cotidiano não menos que a metade provém de outrem. Nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas muitas vozes. Com isso, ele não é concebido como um ser único, uma vez que participa de um agitado espaço de vozes sociais, com seus inúmeros encontros e choques. Ainda de acordo com Bakhtin (1998), qualquer conversa é repleta de transmissões e interpretações das palavras dos outros. A todo instante se encontra nas conversas uma citação ou uma referência àquilo que disse uma determinada pessoa, ao que se diz ou àquilo que todos dizem.

O Enunciado 2, construído por Margarida, também reforça essas considerações a partir do momento em que ela concorda com o mesmo aspecto abordado pelo colega de curso: “De fato, quando se buscar a essência do meu discurso, talvez encontrem o seu ou de outrem”. Nesse sentido, retomemos, mais uma vez, as palavras de Bakhtin (1998), quando este diz que a palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com ele não um encadeamento mecânico, mas um amálgama química, assemelhando-se a uma liga metálica que, nesse caso, não liga metais, mas discursos entre si.

### Enunciado 3



*Lírio - terça, 12 abril 2011, 00:13*

*Diante as coisas que estão acontecendo, onde os alunos pararam de ler os livros, de frequentar as bibliotecas, de ler jornais, de ler revistas etc.*

*Se tornou uma epidemia no Brasil e no mundo, agora essa tecnologia está em toda parte da sociedade desestimulando "(ou estimulando)" assim a velha leitura porque os leitores não precisam mas frequentarem as bibliotecas por que já tem em casa a biblioteca virtual, **então é ético usar os fragmentos da internet por que se não fizer isto não estão acompanhando a nova globalização e as novas tecnologias e ainda não estão vivendo no século XXI, sem falar da agilidade das pesquisas.***

Em seu enunciado, Lírio enfatiza que a tecnologia está em toda parte e que ela está desestimulando a velha leitura. Segundo ele, os leitores não precisam frequentar as bibliotecas, o espaço físico, pois já possuem em casa a biblioteca virtual. Dessa forma, por meio de sua afirmação de que “[...] é ético usar os fragmentos da internet por que se não fizer isto não estão acompanhando a nova globalização e as novas tecnologias e ainda não estão

vivendo no século XXI, sem falar da agilidade das pesquisas”, Lírio deixa pistas que podem confirmar seu posicionamento à pergunta feita no fórum.

A esse respeito, é interessante lembrarmos que, conforme Gontijo et al. (2007), a presença das tecnologias de informação e comunicação têm produzido significativas transformações no diálogo do sujeito com o mundo, o que está revolucionando todas as dimensões da vida humana, em especial, o desenvolvimento da informática, que reverbera por toda a estrutura social de forma complexa, caracterizando a realidade em mutação, em deslocamento, e propiciando o surgimento de novos ambientes socioculturais.

#### Enunciado 4



*Hortênsia - quinta, 14 abril 2011, 21:21*

***Sim, quando é usado de maneira que seja para facilita a sua vida e não quando ela é usada apenas para se fazer coisas más.***  
*É sobre a maneira de ctrl+c e ctrl+v, **eu concordo**, pois muitas vezes **quando vamos fazer trabalhos pesquisamos na net, então será que aquilo que encontramos já digitados, não vamos copia-lo?ou sera que vamos digita tudo novamente? quando na verdade é claro que vamos modificar algo**, mais também **não precisa perde muito tempo digitando se ja se temos o que queremos digitado**, como por exemplo: Nas atividades de espanhol, nós repondemos em forma de questionário e tem algumas questões que são subjetivas; então eu digito em um documento depois, copio e colo lá no questionário, pois assim fica melhor, ou seja, quando eu quiser estuda terei aquele conteúdo salvo em meu pc.*

De acordo com Hortênsia, a internet facilita a vida, quando não é usada “apenas” para coisas más, por isso ela concorda (“Sim”; “eu concordo”) com seu uso nos trabalhos acadêmicos. Ressaltamos um ponto que chama a atenção. A aluna Hortênsia afirma que os trabalhos pesquisados na internet devem ser copiados para não serem digitados novamente, bastando modificar alguma coisa: “[...] quando vamos fazer trabalhos pesquisamos na net, então será que aquilo que encontramos já digitados, não vamos copia-lo?ou sera que vamos digita tudo novamente? quando na verdade é claro que vamos modificar algo[...]”.

Podemos compreender que a “facilidade” a que Hortênsia se refere, no início de seu texto sobre o uso da internet dizendo: “[...] quando é usado de maneira que seja para facilita a sua vida[...]”], pode estar relacionada a essa afirmação de que os trabalhos pesquisados na internet não devem ser digitados e que apenas alguns pontos devem ser modificados: “[...]não precisa perde muito tempo digitando se ja se temos o que queremos digitado[...]”. Nesse sentido, observamos que usar texto alheio da internet, com citação de referências, por exemplo, não está em seus planos.

Neste primeiro grupo temático, há uma ligação inerente entre os enunciados construídos pelos alunos, por meio da pergunta-chave do fórum em questão. Sobre essa relação entre os enunciados, Bakhtin (2010) afirma que eles, os enunciados, não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos, pois uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Nesse sentido, os quatro enunciados dialogam entre si, originando um posicionamento bem relevante. Em vista disso, podemos perceber que os sujeitos desse primeiro grupo aceitam e, por vezes, praticam a ação de usar fragmentos da internet em suas próprias produções, o que confere a esse grupo identidades centradas em posicionamentos de concordância, o que torna aceitável e ético, para eles, o uso de fragmentos da internet.

Nos quatro enunciados analisados, há, ainda, as escolhas linguístico-discursivas que reforçam o posicionamento do grupo que está concordando, dentre elas, destacamos: “Qual texto acadêmico é original? Qual texto é livre de inferências?” (Enunciado 1); “No caso do meu discurso, ele nada mais é que a cópia de tantos outros” (Enunciado 2); “se não fizer isto

não estão acompanhando a nova globalização e as novas tecnologias “(Enunciado 3); “será que aquilo que encontramos já digitados, não vamos copia-lo?” (Enunciado 4).

### **Considerações finais**

O fórum é um ambiente de discussão e construção de conteúdos e de aprendizagens, tendo em vista que é nesse espaço que uma grande parcela das dúvidas é sanada, e onde as opiniões podem ser mais bem desenvolvidas, o que faz surgir bons frutos de reflexões mais profundas dentro do curso. Sendo assim, o fórum funciona como um campo mediático de interação e de desenvolvimento de aptidões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem.

Ao realizarmos nossa pesquisa, pudemos observar que o fórum é um espaço que inclui a divergência de opiniões, revelando identidades múltiplas que podem ser assumidas ou negadas pelos alunos no processo de aprendizagem. A partir disso, dentro de um processo de formação na modalidade a distância, a construção de saberes aparece como possível, também, a partir do contraponto, da discussão e da reflexão conjunta acerca dos assuntos tratados no fórum, que também é considerado um espaço onde diferentes alteridades são atualizadas.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 71-210

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAIT, B. (Org.). **Dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARIA, M. V. B. **A construção estilística das identidades poéticas da cidade de Natal: um olhar bakhtiniano.** 2007. 188f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

GONTIJO, C. R. B. et al. Ciberespaço: que território é esse? **Revista Educação e Tecnologia**, v. 12, n. 3, ano 2007. Disponível em: <<http://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/114>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 68-75. 1996.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2012. p. 103-133.

KEARSLEY, G. **Educação on-line: aprendendo e ensinando.** Tradução: Mauro de Campos Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MORAN, J. M. **O que é educação a distância.** Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

PEREIRA, S. V. M. Interação em Fóruns de EAD: a otimização de um espaço de aprendizagem colaborativa. **Eutomia Revista de Literatura e Linguística**, Recife, ano 4, v. 1, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano4-Volume1/linguistica/LINGSMARTINS.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2012.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, n. 22, dez. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>>. Acesso em: 24 maio 2013.

SILVA, I. M. M. Gêneros digitais: navegando rumo aos desafios da educação a distância. **Revista Eletrônica do Centro de Estudos em Educação e Linguagem**, Recife, v. 1, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <[http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/09/silva\\_generosdigitais.pdf](http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/09/silva_generosdigitais.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2013.

SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2012.

SOBRAL, A. Estética da criação verbal. In: BRAIT, B. (Org.). **Dialogismo e polifonia.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 167-187.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2012. p. 7-72.